

ENTRE A RAZÃO E O PECADO: A LINGUAGEM DO AMOR NAS CORRESPONDÊNCIAS DE ABELARDO E HELOÍSA

Ana Luiza Mendes

Orientação: Marcella Lopes Guimarães

PALAVRAS-CHAVE: *literatura medieval; dialética, moral da intenção; pecado; amor cortês.*

A cidade medieval encarnava a dicotomia entre a vida terrena e a vida no além, a vida de possibilidades de relações sociais promovidas pela diversidade de pessoas que nela circulavam e que trocavam experiências. Clérigos, comerciantes, mestres, guerreiros, prostitutas, cidadãos. Mundos, culturas, pensamentos, comportamentos diversificados, mas cujo relacionamento era permitido pela composição da vida urbana que se assemelhava a um teatro da convivência de sistemas de valores particulares, ainda que dentro de um ordenamento teórico trifuncional. E justamente por permitir essa conjunção de diferentes elementos, a cidade medieval admitia uma ambiguidade, fonte da dicotomia entre a vida terrena e a vida celestial, uma “sociedade da abundância”¹, fator que contribuiu para a dualidade de sua definição, pois ela apresentava-se, “de um lado, Henoc, Sodoma, Babel, Babilônia. Do outro, Jerusalém, a cidade de Deus”.²

A cidade medieval era, portanto, uma simbiose entre múltiplas individualidades e diferentes formas de interação, de exclusão social e até mesmo de crítica, como a poesia dos goliardos, esses clérigos errantes com espírito provocador e anarquista.³ Tal ambiente, centro de novas mentalidades, também foi propício para o desenvolvimento da cultura e da propagação do conhecimento, que possibilitou o

¹ LE GOFF, J. Cidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.C. *Dicionário temático do ocidente medieval*. EDUSC: São Paulo, 2002, p. 223.

² *Ibid.*, p. 228.

³ LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Estudos Cor: Lisboa, s/d, p. 37.

desenvolvimento tanto das atividades ligadas ao comércio e ao artesanato como às do intelecto.

A cidade medieval, portanto, possuía uma dinâmica que proporcionava o encontro de diferentes indivíduos e, conseqüentemente diferentes formas de expressão e de ação no convívio social. Uma dessas experiências foi aquela que transformou o mundo em uma reflexão racional, ou seja, a vida intelectual que, muito mais do que uma forma de expressão, se constituía como um estilo de vida, como pode ser verificado na leitura das correspondências de Abelardo e Heloísa, a fonte de estudo desse trabalho.

A versão utilizada foi a edição de 1989, da editora Martins Fontes, com o prefácio de Paul Zumthor. O livro traz a compilação do manuscrito, composto de um relato de Abelardo, o qual escreveria a um amigo sobre os infortúnios pelos quais passou após ter se deparado com a jovem Heloísa, cuja fama a antecederia ao conhecimento de Abelardo, devido à sua espetacular educação. Esse relato é conhecido como *Historia calamitatum mearum*, história das minhas calamidades, pois, como o próprio nome sugere, conta os infortúnios que atingiram o filósofo do momento em que sua relação com Heloísa foi desvendada até o que escreve.

Após, segue-se uma série de quatro cartas (duas de Heloísa a Abelardo e duas de Abelardo a Heloísa), as quais revelam as posições dos antigos amantes sobre os percalços pelos quais passaram e sobre a situação a qual estavam submetidos no momento em que rememoraram sua história, fornecendo diferentes experimentações do passado comum.

Além dessas cartas, de caráter pessoal, seguem outras, de caráter formal, cuja temática desenvolve-se em torno da administração do monastério do Paraclete, do qual Heloísa se tornou abadessa em meados de 1129 e uma Regra proposta por Abelardo às religiosas.

Desses documentos, os que interessam como fontes de estudo para esse trabalho são: a carta de Abelardo em que conta suas

calamidades e as cartas pessoais entre ele e Heloísa, que expressam os sentimentos de ambos sobre os acontecimentos de suas vidas.

Abelardo (c.1079-1142) foi a primeira figura do intelectual moderno e também foi um renomado professor de lógica e teologia. Sua reputação não era restrita somente a Paris, mas foi nessa cidade que fez sua fama e também sua desgraça, como ele argumentou na autobiografia, ao narrar os eventos que sucederam ao seu envolvimento com Heloísa (c.1001-1163), sobrinha do cônego Fulbert, cuja beleza e a formação cultural tornavam-na uma mulher excepcional.

A relação entre os dois se faz por meio de controvérsias em torno da situação do filósofo e do tonsurado, cuja condição matrimonial era mal quista para o desenvolvimento dessas funções. Então qual a conexão entre esse sacramento e a situação de mestre de Abelardo e mais, qual a correlação entre esse casamento e o relacionamento pessoal do casal?

Esse é um dos pontos que se pretende analisar nesse estudo, além de outras questões que se delineiam por entre as cartas de Heloísa e Abelardo, que suscitam a observação de diferentes aspectos da vida social na qual ambos estavam inseridos, tal como a relação entre o universo filosófico de Abelardo e como este o aplicou em sua vida. Tal circunstância suscita uma disparidade entre teoria e prática, incoerência que será responsável pela contradição moral apontada por Heloísa que argumenta sua defesa com o método e teoria do próprio Abelardo, também utilizado para atacá-lo em torno da concepção de pecado que ele atribuiu à relação. Heloísa aponta para a incoerência do discurso dele, que varia desde o descontrole passional até a serenidade da vida ascética, uma vez que incorpora três elementos: o homem, ser de desejo, corrompido, concupiscível, cuja experiência de vida e de julgamento será diversa da expressada do ponto de vista do clérigo e do filósofo, mais próximos de Deus, da perfeição e da salvação.

No decorrer da *Correspondência de Abelardo e Heloísa* é possível verificar duas formas narrativas, duas formas de expressão

que proclamam diferentes visões sobre o romance que irá modificar a vida dos seus protagonistas. Esta observação é colocada como outro tópico de análise, uma vez que possibilita examinar a tipologia da moral vivenciada por Heloísa e Abelardo que vivendo de formas distintas este amor irão julgá-lo também de modo diferenciado.

Nessa perspectiva é inevitável questionar o papel que a mulher exercia dentro da sociedade feudal, sobretudo em relação ao casamento e ao amor dito cortês, gênero literário que expõe uma doutrina de amor que codifica metodicamente a arte de amar cortês, não acessível ao comum dos mortais⁴, pois se refere ao *fin'amors*, amor puro, refinado, se constituindo numa

ascese do desejo, mantido irrealizado tanto tempo quanto possível para, com isso, crescer em intensidade e ser sublimado pelos feitos cavaleirescos realizados em nome da amada. O *fin'amors* enseja assim, um culto do desejo, um amor do amor: convencido de que a paixão cessa quando atinge o seu objetivo faz de sua impossibilidade a fonte do mais alto júbilo.⁵

Algumas características dessa literatura parecem nortear passagens das cartas atribuídas à Heloísa. Isso não significa dizer que essa linguagem refletia o modo real como as pessoas amavam, era uma idealização do sentimento amoroso, que poderia voltar ao real como modelo.

Nesse contexto, o primeiro capítulo, “A sociedade de Abelardo e Heloísa”, trata dos aspectos pertinentes ao contexto da cidade medieval, que possibilitaram o desenvolvimento do aparato mental que a tornou um meio propício para o desenvolvimento de uma série de elementos, incluindo aí as corporações, pois a sua variada estrutura permitia a fluidez de comportamentos e de idéias que foram formalizadas racionalmente através do método escolástico, originado nas escolas medievais, gérmen das universidades.

⁴ CAPELÃO, A. *Tratado do amor cortês*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XXXVII.

⁵ BASCHET, J. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 120.

O primeiro capítulo, portanto, expõe o contexto do quadro urbano medieval que, em meio às disputas entre o poder espiritual e temporal, possibilitou o surgimento dos intelectuais, os quais nasceram no interior da instituição eclesiástica, mas não permaneceram confinados nela.⁶ Esses intelectuais acordavam com o fato de que a ciência tinha que ser posta em circulação, com o objetivo de revelar ao homem sua capacidade de compreender a natureza através da razão e transformá-la pela sua atividade.⁷

No segundo capítulo, intitulado “As bases ideológicas da vida moral”, é feita uma reflexão sobre o modelo de comportamento das relações entre homens e mulheres e entre clérigos e leigos, conduzida através da luta travada diariamente entre os vícios e as virtudes, entre a vida terrena e a vida no além.⁸

Mais do que uma luta. A vida terrena era uma provação, uma passagem e uma preparação dolorosa para a vida eterna. Dolorosa porque o mundo sensível é o reino do diabo e da incapacidade humana de atingir a perfeição, porque esta não é possível de ser alcançada através de uma substância corpórea, recipiente de todos os males que inquietam a alma. É o cristianismo e a filosofia platônica unidas para moldar o ideal ascético da vida humana no mundo terreno. Inserida nessa perspectiva religiosa-filosófica, a igreja se impõe tanto fisicamente, através da suntuosidade de suas construções, como ideologicamente para reger e comandar a ordem social. Para mantê-la, a instituição conferia um caráter dúbio à cidade, ora demonizada, ora regenerada, centro, de um lado do pecado e tentação, de outro da cultura e de oportunidades.

Toda essa regulamentação é permeada pela lógica da salvação da alma, formulada por meio da dualidade entre o bem e o mal, entre

⁶ DUBY, G. *Idade Média na França. De Hugo Capeto a Joana D’Arc (987-1460)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 12.

⁷ LE GOFF, J. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Estúdios Cor, s/d, p. 69.

⁸ LE GOFF, J. Prefácio. In: BASCHET, J. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p. 168.

pecado e virtude, entre danação e salvação. “O mundo é o teatro desse afrontamento permanente e dramático entre o criador e o Satã”.⁹

Como não poderia deixar de ser, Heloísa e Abelardo também sofreram as consequências dessa moralidade ideal. Desejo ou amor. Amor ou *caritas*. Vida conjugal ou vida religiosa. Quase um ser ou não ser da consciência da época medieval. Ou melhor, não havia a escolha do não ser. Ou se renunciava aos prazeres do século ou se destinava à danação eterna. Pelo menos para Abelardo. Este protagonizava de forma vívida a articulação moral travada entre o carnal e o espiritual. Professando a filosofia e a teologia, conviveu com os perigos mundanos que a cidade oferecia. Resistiu, mas não por muito tempo. Deparou-se com Heloísa. Nobre, bela, jovem e letrada. Quantos atrativos convidativos para a prática do “mal”. A partir daí, não foi a razão que os governou, mas a paixão, o desejo, a carne. Até que Abelardo sofresse na pele as consequências dos seus atos e a partir daí sua história com Heloísa tomasse outro rumo, pois o anjo da guarda da moral espreitava os pensamentos do seu cúmplice e o convenceu da necessidade da expurgação dos seus pecados.

Como pode ser observado na *Historia Calamitatum*, a presença de Heloísa não era condição para que a vida de Abelardo estivesse sendo espreitada pelo pecado. Soberba, avareza, luxúria. Assim Abelardo define sua trajetória como mestre em Paris. Sua história é contada a partir do entrelaçamento com Heloísa. Como um marco. Como um antes de Heloísa e depois de Heloísa. E o foi, mas como ele mesmo apresenta na *Historia calamitatum*, o antes de Heloísa não escapava às indagações morais da sua própria consciência.

Meu sucesso provocou, entre aqueles dentre os meus discípulos tidos por mais hábeis, uma indignação tanto maior porquanto eu era o mais jovem e o último a atender aos estudos. É daí que eu dato o início dos infortúnios dos quais ainda hoje sou vítima. Minha fama crescia dia a dia:

⁹ BASCHET, J. *A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006, p p.381.

a inveja levantava-se contra mim. Por fim, presumindo por demais o meu gênio, aspirei, malgrado toda minha juventude, a também dirigir uma escola. [...] Desde as minhas primeiras lições conquistei um tal renome como pensador dialético que a reputação dos meus condiscípulos, a própria glória do meu mestre foram quase ofuscadas. Cheio de orgulho, seguro de mim, logo transferi minha escola para Corbeil, cidade bem próxima de Paris, para ali prosseguir mais vivamente nesse torneio intelectual.¹⁰

Essa passagem refere-se ao pecado da soberba, um dos três maiores inimigos do homem, a saber: a mulher, o dinheiro, as honras¹¹ e por todos esses pecados, como atestam as passagens, Abelardo se corrompeu. Mas, dentre os pecados capitais, o pior conforme a gradação elaborada pela igreja era a soberba, o pecado do orgulho da vida, provocado pela fama, pelo apego às honras que massageiam o ego e anuviam a razão.

Na confissão de Abelardo, é possível notar que ele tinha consciência do pecado da avareza, da soberba e da luxúria. Porém, as referências de uma vida regrada por meio de vícios só são atestadas após o desfecho trágico de sua relação com Heloísa. Vítima da vingança familiar, sua castração levantou dúvidas sobre suas atitudes enquanto homem da igreja e da filosofia. A partir dessa reflexão, a emasculação é concebida por Abelardo como um castigo não só pelo pecado cometido com sua amante, como também pelos vícios anteriores. Na verdade, não é pela impotência viril que Abelardo se lamenta. É pela sua honra, pela sua fama; é pela sua filosofia que ele sofre, como demonstra a seguinte passagem da sua autobiografia:

Sentia minha vergonha mais ainda do que a mutilação. A confusão me abatia mais ainda do que a dor. Algumas horas antes eu gozava de uma glória incontestável. Um instante havia sido suficiente para rebaixá-la,

¹⁰ *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000, p.30-31.

¹¹ DELARUM, J. "Olhares de clérigos". In: DUBY, G.; PERROT, M. (org). *História das mulheres no ocidente. Vol. 2: A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p.38.

talvez para destruí-la! O julgamento de Deus me batia com justiça na parte do meu corpo que havia pecado.¹²

Abelardo admite seu pecado, mas Heloísa não. Ela articula sua defesa, dizendo-se culpada da derrocada dele, mas se diz inocente porque sua intenção não era esta, como demonstra a seguinte passagem de sua primeira carta a Abelardo:

Pequei gravemente, tu o sabes; entretanto, sou inocente. O crime está na intenção mais que no ato. A justiça pesa o sentimento, não o gesto. Mas quais foram minhas intenções com relação a ti, tu somente, que as experimentas, podes julgar. Submeto tudo a teu exame, abandono tudo ao teu testemunho.¹³

Nessa passagem, Heloísa reconhece o ato, não a intenção. Ela profere sua defesa a partir do conceito de pecado do próprio Abelardo, o qual defende que para Deus não é o ato que conta para determinar a salvação ou danação. Pecar é diferente de realizar o pecado. Para ele vício é uma inclinação em consentir o que não convém, ou seja, é uma forma inconsciente, que não agrega a intenção de fazer algo degradante, imoral, vil. Por sua vez, o pecado consiste em consentir o mal, ou seja, a ação pecadora pressupõe a consciência da maldade, do ato imoral que mesmo assim é realizado. Esse é o ponto a partir do qual Heloísa argumenta sobre sua inocência e absolve a si mesma do pecado, uma vez que seu amor por Abelardo era puro e desinteressado e não tinha objetivo de provocar-lhe qualquer atribulação. Ela foi a discípula perfeita do princípio do filósofo.

Mas ela não apenas se defende como ataca Abelardo questionando o sentimento dele, alegando que, perdendo a capacidade de gozar dos prazeres que ela podia lhe proporcionar o amor também deixou de existir, ou seja, “foi a concupiscência, mais que uma feição

¹² *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000, p. 50-51.

¹³ *Ibid.*, p.98.

verdadeira, que te ligou a mim, o gosto do prazer mais do que o amor. A partir do dia que essas volúpias te foram arrebatadas, todas as ternuras que elas te inspiraram se esvaneceram”.¹⁴ Heloísa estabelece, portanto, a partir da filosofia de Abelardo que ela peca, mas ele realiza o pecado, de modo que o conflito moral que se abate entre os dois é de natureza diversa. Do pecado do amor Heloísa não admite a culpa. O seu problema moral é de ter pecado contra Abelardo, não contra Deus.

As narrativas revelam como os sentimentos de Heloísa e Abelardo tiveram evoluções distintas. Heloísa é apresentada pelo próprio Abelardo como uma presa que não tinha com escapar do seu intento e das garras do seu desejo. Essa conquista despertou em Heloísa um amor desinteressado, o qual buscava nada mais do que a si mesmo, isto é, Heloísa nada esperava de Abelardo, visto ter consciência do seu status, o qual ela mesma colocava em primeiro lugar.

O amor puro de Heloísa pode ser comparado ao sentimento transmitido pela literatura, sob o codinome de *fin'amors*, tema abordado no terceiro capítulo, “A linguagem do amor”. Tal sentimento refere-se a um amor puro, perfeito, delicado, cujo desenrolar envolvia o frenesi provocado pelo erotismo e pelo controle do desejo, uma vez que cantava o amor inacessível, que não esperava recompensa, apenas se submetia totalmente à amada, com o compromisso de honrá-la e servi-la com fidelidade e discrição, pois normalmente era a mulher do senhor, ora carnal e adúltero.

Heloísa não era casada, não era a dama do senhor, mas era sobrinha do cônego Fulbert, jovem, culta, portanto, inacessível ao comum dos mortais. Mas Abelardo também não era comum. Era simplesmente um dos mais aclamados professores de Paris, como sua elevada auto-estima sempre se orgulhou de testemunhar. E justamente o seu grandioso amor-próprio o convenceu a conquistar Heloísa, a qual não resistiria como outras não resistiram.¹⁵ Com a credibilidade

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ *Ibid.*, p. 39.

de preceptor, Abelardo ganha seu passe ao esconderijo do cordeiro que, estúpido, se apaixona pelo lobo.

Aqui se pode estabelecer uma comparação com uma das características do amor cortês: a dama inacessível, cuja conquista conduz a mente do amante, como a de Abelardo que também se revela como poeta que extravasa o seu amor. O amor, portanto, transforma-se em loucura, “na verdade uma bela loucura. Cativo do desejo, o poeta morre de amor, mas, como a fênix, renasce das cinzas. O tormento causado pelo amor é simultaneamente prazer e morte. Ao olhar a dama é atribuído poder de vida e morte”.¹⁶

E qual era a sensação senão vida e morte quando Abelardo estava na presença de Heloísa? Essa sensação poderia ter sido gerada pelo fato de sua paixão dividir o mesmo teto que o tio da jovem, o qual logo que descobre não leva Abelardo à morte física, mas o priva da honra social.

Essa alternância das linguagens permite verificar a tensão existente entre os conceitos de amor, religião e casamento, pilares mesclados e que norteiam as ações de Heloísa e Abelardo que, como intelectual não poderia deixar de se impor como um homem de autoridade, que submete todos os aspectos da vida à luz da razão. Em relação à linguagem das cartas atribuídas a Heloísa, é preciso lembrar que ela foi aluna de Abelardo e, antes, já contava com uma bagagem intelectual independente do gênio de seu mestre, de forma que as cartas se constituem num jogo no qual existem duas formas de amar, explicitadas através da dialética e na forma como dirigem a palavra ao outro. Heloísa se dirige ao amante. Ele à religiosa. Os epítetos que Heloísa oferece a Abelardo o colocam como o seu bem-amado, o seu único amor. Por sua vez, Abelardo dirige-se à abadessa, sua “irmã,

¹⁶ RÉGNIER-BOHLER, D. Amor cortês. In: LE GOFF, J.; SCHITT, J.C. *Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 50.

querida outrora no século, muito querida hoje em Cristo”¹⁷ e que deve viver lembrando-se dele no Cristo.¹⁸

É através de uma incisiva retórica que Heloísa expõe os seus motivos para recusar o casamento, pois, desejava viver o amor e a paixão livres das suas amarras e das preocupações cotidianas a ele relacionadas. E será justamente em torno da instituição do casamento que se identifica a tensão entre Abelardo e sua consciência e entre Abelardo e Heloísa. A primeira ocorre porque Abelardo vivencia uma crise moral, pois de uma vida ascética passa a experienciar as vicissitudes do corpo e, considera a sua castração um castigo justo à sua concupiscência.

O casamento, para Heloísa estava desacreditado filosoficamente, uma vez que através dele não se poderia atingir o amor verdadeiro e desinteressado. “Este último aspecto liga-se à influência do *De Amicitia* de Cícero e parece ser partilhado quer pela literatura goliárdica quer pela literatura cortês (‘não usurpemos a palavra amor para definir o afeto conjugal que une as pessoas no matrimônio’).”¹⁹

Mas a argumentação de Heloísa não foi suficiente para dissuadir Abelardo do casamento e nem da conversão à vida religiosa. Heloísa se submeteu ao marido, concordando com a teoria de Duby, que determina a obra numa moral da apologia do casamento e da submissão feminina. Entretanto, essa visão é extremamente determinista. A diferença de linguagem presente nas correspondências permite constatar que os modelos de comportamento não eram rígidos. Ao contrário, a presença de características de dois ideais distintos de conduta, o religioso e o cortês, opostos entre si, permite visualizar a fluidez tanto dos comportamentos quanto da expressão do pensamento medieval.

¹⁷ *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000, p. 102.

¹⁸ *Ibid.*, p.110.

¹⁹ BROCCHERI, M. F. B. O intelectual. In: In:LE GOFF, J. *O homem medieval*. Editorial Presença: Lisboa, 1989, p.140.